

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

NAIRON XAVIER MOREIRA

LIBRASITE:

SEMIÓTICA E MULTIMÍDIA NA EDUCAÇÃO PARA SURDOS

Boa Vista – 2003

NAIRON XAVIER MOREIRA

LIBRASITE:

SEMIÓTICA E MULTIMÍDIA NA EDUCAÇÃO PARA SURDOS

Boa Vista – 2003

NARON XAVIER MOREIRA

LIBRASITE:

SEMIÓTICA E MULTIMÍDIA NA EDUCAÇÃO PARA SURDOS

Trabalho monográfico apresentado ao Departamento de Comunicação Social, como versão parcial, para a aquisição do grau de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de

Roraima, sob orientação do professor Mauricio Zouein.

Boa Vista – 2003

LIBRASITE:

SEMIÓTICA E MULTIMÍDIA NA EDUCAÇÃO PARA SURDOS

Nairon Xavier Moreira

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social, como versão parcial, para a aquisição do grau de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Roraima, sob orientação do professor Mauricio Zouein.

BANCA EXAMINADORA

1ª Examinador: _____

Professor Mauricio Zouein
(Orientador)

2º Examinadora: _____

Professora Edthi Romano
(Membro)

3º Examinadora: _____

Professora Goreti Leite
(Membro)

Julgado (a) em: ____/____/____

Nota: _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a DEUS e a Virgem Maria. Reconheço que a tarefa de se fazer um trabalho científico requer muita determinação, força de vontade, compreensão, humildade, de parcerias e cooperação. E são poucos os que têm a oportunidade de concluir um trabalho que demanda tempo e paciência na busca pelo saber.

Em especial, a minha mãe, Francisca Xavier Moreira e a meu pai, Raimundo Martins Moreira por representarem a base *do conhecimento que tenho sobre o mundo*, principalmente educacional. Obrigado por todas as orientações, responsáveis por todas as minhas virtudes. As irmãs, Nara Xavier Moreira, Nadia Xavier Moreira e Nathila Xavier Moreira pela força e por acreditarem na minha capacidade de buscar o melhor para si.

A minha esposa, Marlene Pereira de Souza, por nunca ter duvidado que eu seria capaz de concluir este trabalho. E por ser a minha grande incentivadora na caminhada para a conclusão do curso de jornalismo.

A minha filha, Tainá de Souza Moreira, que apesar dos seus seis anos já é capaz de observar o mundo que o cerca e tirar suas conclusões sobre o que de

melhor poça a vim lhe servi em sua vida futura, minha grande incentivadora nesta reta final.

Ao amigo de muitos anos e inúmeros diálogos, Elias Venâncio, por ter me incentivado a ingressar no curso de jornalismo, entre outras tantas mensagens positivas.

O professor Mauricio Zouein, que com muita paciência e competência, além de ser responsável por minha orientação, me incentivou sem medidas no decorrer deste trabalho. Reconheço o primeiro estímulo e o apoio indispensável. Aos professores do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima, que me ajudaram a traçar o caminho do discernimento acadêmico: (em memória) a Alexandre Borges, Vangêla Morais, Noujaim Pereira, Sônia Padilha, Taylor Nunes, Iônio Alves, Weber Negreiros, Shirley Luft, Gorete Leite, Mercês Cunha e Damião Marques. E também aos docentes dos outros centros, como: Paulo Sarmiento, Roberto Ramos, Carlos Camargo e a Dr^a Débora de Brito Albuquerque pela co-orientação na construção deste projeto.

A professora Sandra da Educação Especial, pela ajuda e apoio em todo o processo construtivo desta obra,.

A Hecilda Cidade, professora da Audiocomunicação, pelas informações sobre a instituição e colaboração no trabalho.

A Lara Dantas, Assessora Pedagógica para alunos inclusos, pelo apoio aos dados quantitativos da educação de surdos no estado.

A Rosaete Saldanha pelas relevantes informações sobre a Educação Especial em Roraima.

Aos amigos Lary e Eduardo pela edição dos vídeos e colaboração no processo de editoração das imagens que compõe o trabalho.

Ao amigo Marcio Lavor, pela construção do design no projeto, pelo seu jeito simples e profissional de ser. Sempre mostrado os meios e caminhos que tínhamos que traçar para a construção do projeto.

Aos seis colaboradores SURDOS, que com muita dedicação e determinação fizeram deste trabalho uma realidade educacional, meu muito obrigado a todos.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para elaboração deste trabalho científico.

“O extraordinário é que o “papa da comunicação” tenha tido uma visão (previsão) tão lúcida do fenômeno da escolarização do futuro, sem que seja, propriamente, um educador. Acontece, porém, que só agora os educadores estão tomando consciência de que a educação é um processo de comunicação e as melhores possibilidades da didática prospectiva estão na “teoria da informação”, área em que atua McLuhan. As faculdades de comunicação podem vir a ser, no futuro, as

verdadeiras escolas de “formação do professor”, se é que a função do professor vai sobreviver às mutações pedagógicas que estão em vias de ocorrer, pelo menos nos países de civilizações pós-industrial”.

**Lauro de Oliveira Lima,
Mutações em educação segundo McLuhan
(1971)**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - Educação Especial no Brasil.....	11
1.2 - Portadores de Necessidades Educativas Especiais.....	12
1.3 - Análise da Situação da Educação Especial.....	14
1.4 - O acesso de pessoas com deficiência as escolas comuns da rede regular de ensino.....	16
1.5 - A Educação Especial em Roraima.....	18
CAPITULO II - A historia dos Deficientes Auditivos.....	22
2.1 – Deficiente Auditivo X Surdo.....	23
2.2 - Como se classifica a surdez quanto ao grau.....	25
2.3 - O que pode ser feito para prevenir a surdez.....	25
2.4 - Educação dos Surdos.....	26
2.6 - Educação dos Surdos em Roraima.....	27
2.7 - Língua de Sinais.....	29
2.8 - Alfabeto Digital.....	29
2.9 - Historia da Libras.....	30
2. 10 - Questões atuais sobre o ensino para Deficientes Auditivos no Brasil.....	31
2.11 - O aluno com deficiência auditiva.....	32
2.12 - Educação Inclusiva.....	33
CAPITULO III - O processo de elaboração do trabalho.....	36

3.1 - Breve panorama do signo peirceano.....	36
3.2 - As três dimensões do signo se justapõem no Site.....	38
1º etapa de construção do Projeto.....	40
2ª Etapa.....	40
3ª Etapa.....	41
Considerações Finais.....	43
Referencias Bibliográficas.....	44
Anexos.....	45

INTRODUÇÃO

Quando ainda estava cursando a disciplina Planejamento em Comunicação com o professor Mauricio Zouein, já era mencionada em suas aulas para os alunos da importância de se começar a trabalhar o quanto antes à escolha de um tema para a monografia.

E foi em uma dessas aulas que o professor Mauricio me sugeriu a desenvolver um projeto para pessoas portadoras de necessidades educativas especiais - **Deficientes**, isso já pensando no meu trabalho de conclusão de curso. Aceitei a proposta e logo em seguida começamos a discutir em qual tipo de deficiência iríamos desenvolver o projeto.

Decidimos que iríamos trabalhar com os Deficientes Auditivos ou seja os Surdos. Por se tratar de uma comunidade em franco desenvolvimento social e educacional, não por desconsidera as outras deficiências.

A principio iríamos trabalhar na construção de um CD’Rom com o uso apenas do alfabeto digital. Ou seja um dos componentes da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Onde desenvolveríamos um trabalho educativo para alfabetizar crianças surdas. Usando os recursos das novas tecnologias.

Permanecemos com a idéia da construção do cd para os surdos, mas alteramos o publico alvo do trabalho. Agora estamos desenvolvendo um trabalho que faz uso da utilização da multimídia na educação especial como ferramenta facilitadora na comunicação entre professores e alunos surdos.

O trabalho visa mostrar o uso da LIBRAS aqui em Roraima, levando em consideração os aspectos regionais dessa língua. Onde seis alunos surdos da Coordenação de Educação Especial da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do estado de Roraima usam a sua língua mãe, para mostrar para o mundo, através de um CD'Rom e da INTERNET o uso dos signos por esta comunidade, com os recursos das novas tecnologias através do uso do computador na educação, com o auxilio de diferentes software e dos recursos multimídias como: os vídeos, as fotos, os desenhos, as animações, os links e textos.

A abordagem do primeiro capítulo é mais ampla e apresenta um breve histórico da Educação Especial no Brasil, onde são mostradas as suas conquistas e o que ainda falta para ser feito pelos portadores de necessidades especiais. É mostrada as classificações e as definições de cada modalidade especial. Esclarece também sobre o acesso de pessoas com deficiência as escolas comuns da rede regular de ensino.

A Educação Especial em Roraima também é parte do estudo, abordamos desde do ano de sua fundação, dando destaque para suas vitórias e conquistas no decorrer dos anos.

O segundo capítulo além de mostrar a historia dos Deficientes Auditivos, traz informações do passado dos Surdos, mostrando o processo de educação do mesmo, além de fazer um breve esclarecimento entre Deficiente Auditivo X Surdo. Levando em consideração todos os tipos de Surdez. São mostradas as informações dos primeiros registros sobre a História da Educação dos Surdos. Para finalizar o capítulo abordamos sobre a historia da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

No terceiro capítulo é feita à construção do CD'Rom intitulado **LIBRASITE**, já no formato de um site para Internet. Onde no mesmo constar toda metodologia do trabalho, que está sendo feito com o uso das novas tecnologias.

Na metodologia da pesquisa, estão incluídos ainda: a elaboração de questionários, filmagem dos vídeos com os sinais em Libras, fotos dos locais onde os surdos criaram signos para os sinais, os nomes relacionados com os desenhos do alfabeto digital e uso da libras. Com determinados nomes ou locais aqui de

Roraima, levando em consideração o uso regional da Língua de Sinais usada aqui no estado.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

Começar este trabalho discorrendo sobre a Educação Especial no Brasil e em Roraima é de suma importância para compreensão de todo o projeto. Onde daremos destaque para os Surdos,? que são o objeto de estudo. Mostraremos os aspectos da educação especial, atentando-se para os diferentes tipos de portadores de necessidades educativas especiais.

“Os indivíduos com deficiências, vistos como “doentes” e incapazes sempre estiveram em situação de maior desvantagem, ocupando, no imaginário coletivo, a posição de alvos da caridade popular e da assistência social, e não de sujeitos de direitos sociais, entre os quais se inclui o direito à educação¹”.

A educação especial no Brasil é um processo que visa promover o desenvolvimento das personalidades de pessoas portadoras de deficiências, condutas típicas de altas habilidades, que abrange os diferentes níveis e graus do

¹ - As informações contidas neste capítulo estão baseadas na política nacional de educação especial, do livro “Educação Especial” – Um Direito Assegurado (1994, Livro - 1).

sistema de ensino. E fundamenta-se em referenciais teóricos e práticas compatíveis com as necessidades dos alunos.

“A Constituição Brasileira no seu artigo 208, inciso III, garante "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". Para que este preceito constitucional seja cumprido na sua totalidade, espera-se que a própria rede governamental cumpra a sua parte²”.

O portador de deficiência apresenta significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais, decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter permanente, que acarretam dificuldades em sua interação com o meio físico e social.

1.1 - Portadores de Necessidades Educativas Especiais

As pessoas que apresentam necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens curriculares correspondentes à sua idade, requerem recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas.

Portanto os portadores de necessidades educativas especiais, classificam-se em: portadores de deficiência (mental, visual, auditiva, física, múltipla), portadores de condutas típicas (problemas de conduta) e portadores de altas habilidades (superdotados).

Para formalizar o entendimento, seguem-se alguns conceitos dos tipos de necessidades especiais:

“– Deficiência auditiva, é a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido³”.

Manifesta-se como:

² - Expansão e Melhoria da Educação Especial nos Municípios Brasileiros, 1994, p.15

³ Os conceitos e características das diferentes Deficiências foram tirados do livro, (Educação Especial “Um Direito Assegurado, 1994, p.13) .

Surdez leve/moderada: perda auditiva de até 70 decibéis, que dificulta, mas não impede o indivíduo de se expressar oralmente, bem como de perceber a voz humana, com ou sem utilização de um aparelho auditivo.

Surdez severa/profunda: perda auditiva acima de 70 decibéis, que impede o indivíduo de entender, com ou sem aparelho auditivo, a voz humana, bem como de adquirir, naturalmente, o código de língua oral.

– **Deficiência visual**, é a redução ou perda total da capacidade de ver como o melhor olho e após a melhor correção ótica.

Manifesta-se como:

Cegueira: perda da visão, em ambos os olhos, de menos de 0,1, no olho melhor, e após correção, ou um campo visual não excedente de 20 graus, no maior meridiano do melhor olho, mesmo com uso de lentes para correção. Sob o enfoque educacional, a cegueira representa a perda total ou resíduo mínimo de visão, que leva o indivíduo à necessidade de método Braille como meio de leitura e escrita, além de outros recursos didáticos e equipamentos especiais para sua educação.

– **Deficiência múltipla**, é a associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (mental/visual/auditiva/física), com comprometimentos que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa. As principais necessidades educativas serão priorizadas e desenvolvidas através das habilidades básica, nos aspectos sociais, de auto ajuda e de comunicação.

– **Deficiência física**, é uma variedade de condições não sensoriais que afetam o indivíduo em termos da mobilidade, de coordenação motora geral ou da fala, como decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas, ou ainda de más-formações congênitas ou adquiridas.

– **Condutas típicas**, manifestações típicas de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos de desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado.

– **Deficiência mental**, esse tipo de deficiência caracteriza-se por registrar um funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitantemente com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade, nos seguintes aspectos:

Comunicação, Cuidados pessoais, Habilidades sociais, Desempenho na família e comunidade, Independência na locomoção, Saúde e segurança, Desempenho escolar, Lazer e trabalho

– **Altas habilidades**, notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados:

Capacidade intelectual geral, Aptidão acadêmica específica, Pensamento criativo ou produtivo, Capacidade de liderança, Talento especial para artes, Capacidade psicomotora⁴.

1.2 - Análise da Situação da Educação Especial

A história da educação especial no Brasil acompanha a evolução da conquista dos direitos humanos. Em épocas atrás as pessoas com deficiências eram sacrificadas porque nada de útil representavam para a sociedade.

⁴ - Política Nacional de Educação Especial, 1994, p.13

“Durante séculos os deficientes eram considerados seres excluídos e a margem da sociedade, em que os mesmos estavam e ainda continuam inseridos. A partir do momento que os direitos dos homens a igualdade e a cidadania tornaram-se motivo de preocupação dos pensadores, a história da educação especial começou a mudar⁵”.

Nos últimos tempos, registraram-se avanços na conquista da igualdade e do exercício de direitos. No âmbito legal, destacamos:

– A Lei 5.692/71, das Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus, que no Art. 9 confere destaque ao atendimento a deficientes e a superdotados.

– O Art. 208, inciso III da Constituição Federal, garante o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências em igualdade de condições com qualquer outro aluno.

Além deste inciso, todo o texto da Carta Magna aplica-se às pessoas portadoras de necessidade especiais, o que é compatível com o ideário da democracia. Entre outras conquistas que não estão aqui mencionadas .

“Atualmente é a Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC, que cabem essas responsabilidades. E estão em consonância com as atribuições do Ministério da Educação e do Desporto. Hoje a administração do MEC coloca, em seu organograma, a educação especial no mesmo patamar administrativo dos demais graus de ensino⁶”.

Mesmo tendo conquistado algumas vitórias nos últimos tempos, a educação especial no Brasil ainda encontra algumas dificuldades estruturais da

⁵ - Política Nacional de Educação Especial, 1994, p.27

⁶ - Política Nacional de Educação Especial, 1994, p.29

sociedade brasileira, e outras específicas da educação de portadores de necessidades especiais. Entre as principais dificuldades destacam-se:

Planejamentos distanciados da realidade educacional do País, prejudicando o atendimento das reais necessidades dos portadores de necessidades especiais;

Desigualdades nas oportunidades educacionais oferecidas em regiões, estados, zonas urbanas e rurais, decorrentes do desequilíbrio geográfico, social e econômico;

Insuficiência, na maioria dos estados, de atendimento aos portadores de necessidades especiais em pré-escolas, bem como de serviços de estimulação essencial para atendimento, nas primeiras fases do desenvolvimento infantil;

Insuficiência de ofertas de acesso do aluno portador de necessidade especiais na escola regular de ensino. Entre outras que não mencionamos, mas que merecem destaque e valem a pena serem acatadas pelas autoridades e a sociedade em geral.

1.3- O acesso de pessoas com deficiência as escolas comuns da rede regular de ensino

As informações sobre o acesso de pessoas com deficiência a escolas da rede regular de ensino, foram tiradas do “Manual de Educação Inclusiva” – O acesso de pessoas com deficiência às classes e escolas comuns da rede regular de ensino (10 anos da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão – 2003).

A Constituição Federal tem nos fundamentos da República a Cidadania e a Dignidade da Pessoa Humana (art. 1º, incisos I e III), e como um dos seus objetivos fundamentais a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, inciso IV).

“Garante ainda expressamente o direito à Igualdade (art. 5º), e trata nos artigos 205 e seguintes, do direito de todos a Educação.

Esse direito deve visar o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (art. 205)⁷.

Conforme fica claro, quando garante a todos o direito a Educação e ao acesso a Escola, a Constituição não usa adjetivo. Assim toda escola deve atender aos princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, idade ou deficiência.

Assim portanto o atendimento especializado deve estar disponível em todos os níveis, de preferência na rede regular, pois este é o ambiente escolar adequado para se garantir o relacionamento dos alunos com seus pares de mesma idade cronológica e para a estimulação de todo o tipo de interação que possa beneficiar seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

Na Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (artigos 58 e seguintes) consta que a substituição do “regular” pelo “especial”. Entretanto esta substituição não está de acordo com a Constituição Federal, que prevê Atendimento Educacional Especializado, e não Educação Especial.

Portanto a Constituição somente prevê o atendimento educacional especializado *para os portadores de deficiências*. Justamente por se tratar de um atendimento que oferece instrumentos de acesso ao ensino, e a utilização de métodos que contemplem às mais diversas necessidades dos estudantes, inclusive eventuais necessidades especiais.

Isso pelo próprio conceito de Educação, deve ser regra no ensino regular e nas demais modalidades de ensino (Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional), não se justificando a manutenção de um ensino especial, apartado.

“Além disso, surge agora uma nova legislação, posterior a LDB e que, como toda nova lei, revoga as disposições anteriores que lhe são contrárias. Trata-se da Convenção Interamericana para a

⁷ - 10 anos da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2003, p.7

Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Pessoa Portadora de Deficiência, celebrada na Guatemala⁸.

As escolas atualmente inscritas como “especiais” devem rever seus estatutos, pois de acordo com a nossa Constituição o termo “escola” não aceita adjetivos e ela deve observar os requisitos constitucionais previstos no artigo 205 .

“Para se fazer cumprir a Constituição Federal e a Convenção da Guatemala é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem suas barreiras arquitetônicas e adotem métodos e práticas de ensino adequados as diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos especializados, que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com e sem deficiências mas sem discriminações⁹”.

Portanto para que as pessoas com deficiências possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável que a escola de ensino regular se adapte às mais diversas situações, conforme as necessidades dos alunos inseridos em suas salas de aula.

Então não se espera mais que a pessoa com deficiência se integre por si mesma, mas que os ambientes, inclusive o educacional, se transformem para possibilitar essa inserção, ou seja estejam devidamente preparados para receber a todas as pessoas, indistintamente.

1.4 - A Educação Especial em Roraima

⁸ - 10 anos da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2003, p.9

⁹ - 10 anos da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2003, p.11

A Educação Especial no estado tem sua criação datada no ano de 1975 sob a luz da lei 5692/71 que em seu Art. 9º preceitua: “os alunos que apresentarem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrarem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação¹⁰”.

O atendimento aos excepcionais (termo usado na época) no então Território Federal de Roraima, deu-se na gestão do professor Aldo Gomes da Costa quando criou na Secretaria de Estado da Educação, a Coordenação de Educação Especial, sob a gerência da professora Ivonete Vieira.

O trabalho iniciou com os alunos surdos e retardados mentais (nomenclatura usada na época) que contava com um numero reduzido de profissionais. Buscou-se a partir daí capacitar professores para atuar na educação de alunos deficientes, através de cursos de treinamento e capacitação.

Os alunos eram atendidos inicialmente em uma das salas da escola Monteiro Lobato, que contava com trabalho das professoras Carlota Maria de Figueiredo Rodrigues e Clotilde Parima Rodrigues, atendendo a um total de 11 alunos. Como a classe não integrava o conjunto administrativo da escola, esses professores eram também responsáveis pela limpeza do espaço físico, inspeção dos alunos, direção etc.

Passados mais ou menos um ano e meio a escola sofreu uma reforma e os alunos especiais, agora em numero de 20 aproximadamente, e portadores de variados tipos de deficiência (visual, auditiva, mental, etc) ficam sem atendimento por não haver espaço físico disponível.

Em 1978, a Secretaria de Educação da continuidade ao atendimento a um grupo de 40 alunos, agrupados por todos os tipos de deficiência. Nessa casa – escola, tinha-se a preocupação de nomear uma diretora para coordenar os trabalhos, tendo sido nomeada a professora Idelma Quatrim Borges, aqui já havia considerado do grupo de professores que se revezavam, em sistema de rodízio, para realizar além do trabalho pedagógico o administrativo.

¹⁰ - As informações transcritas sobre a Educação Especial de Roraima, foram informadas pela Coordenação da Educação Especial de Roraima através da Coordenadora Rosaete Saldanha, que é vinculada a Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Estado.

Como a clientela crescia a casa se tornara pequena para a realização dos atendimentos, em parceria com a prefeitura Municipal de Boa Vista, alugam uma casa maior e o atendimento a essa clientela permanece até 1983. Quando é inaugurado no governo de Otomar de Souza Pinto, o Centro de Educação Especial no Parque Anauá, tendo como primeira diretora a professora Maria Inês Moreira Shuster e vice-diretora Carlota Maria Figueiredo Rodrigues.

As decisões emanavam da Secretaria de Educação através da Divisão de Educação Especial, à época pertencente ao Departamento de Educação Especial e Assistência ao Educando.

A Divisão de Educação Especial tinha como objetivo geral a unidade da ação técnica – pedagógica e o apoio ao desenvolvimento curricular, relativo ao aluno excepcional, além de promover a sua integração social.

Os objetivos específicos constavam de: 1) habilitar recursos humanos através de treinamentos, cursos de capacitação e estágios; promover a adequação de espaços físicos para o desenvolvimento das atividades do ensino especial.

Em 1983, as modalidades existentes oferecidas aos excepcionais eram; seis classes especiais nas unidades escolares do sistema estadual de ensino, em Boa Vista e Mucajai, perfazendo um total de 81 (...) alunos.

Um centro de Educação Especial em Boa Vista, atendendo a 82 alunos;

Um Centro de Educação Especial em Caracaraí, atendendo 17 alunos;

Ensino Itinerante Escolar atendendo oito alunos deficientes auditivos e um mental, integrado em classes comuns das escolas da rede regular de ensino.

A equipe encontrava-se formada pelos seguintes profissionais: 1 psicólogo, 1 assistente social, 1 terapeuta ocupacional, 1 supervisor educacional, 1 pedagogo e 15 professores.

Com passar dos anos e o crescimento da demanda foi criada uma sala de Recursos para atendimento aos portadores de Deficiência Visual, funcionava na Escola Monteiro Lobato.

É realizado também em espaço próprio, numa casa residencial na Av. Ene Garcez – centro da cidade, o atendimento aos portadores de deficiência auditiva que da origem em 1989, a Escola de Audiocomunicação.

Atualmente a Coordenação da Educação Especial encontra-se administrativamente e pedagogicamente ligada ao Departamento de Ensino (educação básica), tendo a seguinte estrutura:

- 1 – Coordenação (com chefia, equipe administrativa e pedagógica);
- 2 – Núcleo de triagem e avaliação (procede a avaliação de crianças com deficiência ou suspeita);
- 3 – Escola de Educação Especial de Boa Vista (funcionando em 2 turnos atende a 152 alunos, a partir dos 4 anos de idade) em sua dependência administrativa conta com o centro Estadual de Equoterapia, criando em maio de 2003, mas em funcionamento desde 2001.
- 4 – Escola de Audiocomunicação (atende 75 alunos surdos);
- 5 – Centro de Educação Especial de Caracaraí com 33 alunos
- 6 – Centro de Estimulação Precoce atendendo 86 crianças na faixa etária de zero a 3 anos e 11 meses.
- 7 – 24 classes especiais, 15 na capital e 9 no interior perfazendo um total de 170 alunos;
- 8 – 1 sala de recursos para deficientes visuais com 4 alunos em atendimento;
- 9 – 1 sala de recursos para deficiente auditivo com 6 alunos em atendimento;
- 10 – O Centro de Apoio Pedagógico para deficientes visuais, 5 alunos;
- 11 – Centro de Avaliação Auditiva
- 12 – Realiza apoio a 274 alunos inseridos nas escolas da rede regular de ensino da Educação Básica;
Educação Infantil – 15
Ensino Fundamental - 230
Ensino Médio - 15
E.J.A - 14
Total (inclusos) : 274 alunos

No primeiro capítulo descrevemos sobre a educação especial no Brasil e em Roraima, no próximo abordaremos sobre a história dos surdos no mundo, as características entre deficiente auditivo e surdo, sobre a língua de Sinais (Libras) e seus direitos a educação.

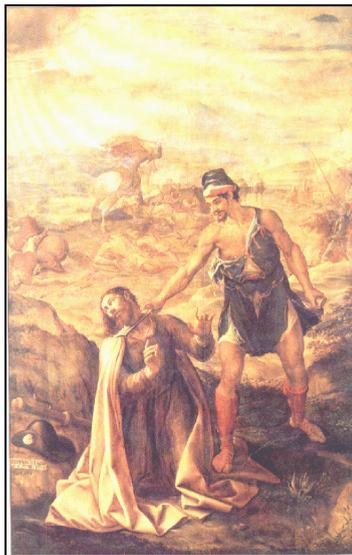
CAPITULO II - A HISTORIA DOS SURDOS

Neste capítulo informaremos sobre a história dos Surdos e da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Abordaremos também sobre o seu direito à educação, as suas conquistas e a atual situação desta comunidade no Mundo, no Brasil e em Roraima, levando em consideração os aspectos culturais desses portadores de necessidades educativas especiais.

“No passado, os surdos eram considerados incapazes de serem ensinados, por isso eles não freqüentavam escolas. As pessoas surdas, principalmente as que não falavam, eram excluídas da sociedade, sendo proibidas de casar, possuir ou herdar bens e viver como as demais pessoas. Assim, privadas de seus direitos básicos, ficavam com a própria sobrevivência comprometida”.

“É impossível determinar como e onde surgiu o primeiro surdo, mas através de algumas pesquisas realizadas nessa área podemos ter uma visão geral da história dos surdos e de suas perspectivas. A exclusão existe desde a antigüidade. Há povos que sacrificavam pessoas devido a sua deficiência e os surdos eram grandes alvos”.

(Informações e foto tirada do Site do INES – www.ines.com.br)



Aristóteles também emitiu opiniões com relação aos surdos e sua educação. Interpretar exatamente o que ele quis dizer não tem sido um consenso entre os estudiosos modernos. Muitos o acusam de, com suas afirmações, ter prejudicado a educação dos surdos, que, desde a sua época, viveu uma noite de 2000 anos. Outros, no entanto, dizem que isto é fruto de interpretações equivocadas do que ele quis de fato dizer.

“O que parece é que, para Aristóteles, a Educação somente poderia ser obtida através da audição. Desta forma, alguém que não conseguia ouvir, não seria capaz de aprender nada. Talvez ninguém consiga de fato entender o que ele quis dizer. No entanto, baseado nesta interpretação, equivocada ou não, muito se deixou de fazer com relação ao surdo e à sua educação”.

(Informações tirada do Site do INES – www.ines.com.br)

2.1 – Deficiente Auditivo X Surdo

Quando a criança surda recebe tratamento clínico e fonoaudiológico, para que seja protetizada e oralizada, e estuda em escola normal afirma-se que é um **Deficiente Auditivo**, pois apenas possui a deficiência, não se utilizando da LIBRAS para se comunicar. Ao contrário dos **Surdos**, que além de aceitar e assumir a surdez, utilizam a LIBRAS para se expressar e formam todo um grupo lingüístico e cultural.

CÁRNIO (1997,p.292) afirma que atualmente existe uma tendência de não utilizar o termo Deficiente Auditivo e sim o termo Surdo. Ela explica que o surdo não seria deficiente perante a sociedade, mas diferente, pertencente a um grupo de Indivíduos, possuidores de língua própria.

Os Surdos que oralizam são estimulados muitas vezes, pelos pais a não usarem os gestos naturais dos surdos, pois assim estariam assumindo a surdez. Porém a maioria após a maturidade sente necessidade de se integrar em comunidades surdas.

“O Surdo não é mais visto como alguém cuja falta de audição significa ineficiência, mas sim como um sujeito eficiente que se desenvolve integralmente e se comunica por um outro canal, tendo conseqüentemente uma outra língua.”

(Silva, 2001,p.18)

A Surdez pode ser congênita ou adquirida. É congênita quando a criança adquire surdez durante a gestação da mãe ou no parto. Entre as causas destacam-se a hereditariedade, rubéola e anóxia. A Surdez é também adquirida após o nascimento.

A maior incidência no estado de Roraima é a meningite que causa, tal virose pode causar uma perda auditiva grave, comprometendo todo o desenvolvimento da criança. A Surdez se manifesta em diversos graus, entre eles estão:

1. Surdez leve: Não impede a aquisição da linguagem, mas pode causar problemas articulatórios ou distúrbios de leitura e escrita;

2. Surdez moderada: Alterações articulatórias e atraso de linguagem são freqüentes;

3. Surdez severa: Se a criança receber atendimento especializado poderá adquirir a linguagem;

4. Surdez profunda: Perda auditiva que impede o aluno de adquirir a linguagem oral naturalmente.

Após a descoberta da deficiência, os pais são orientados pelo especialista, a buscar o melhor tratamento para seu filho. Alguns optam por tratamentos clínicos com o objetivo de que a criança seja oralizada. Outros optam por educar seus filhos em escolas especializadas afim de que estes possam ser integrados socialmente.

A Surdez se caracteriza pela perda total ou parcial do sentido da audição, e é considerada uma doença que incapacita o ser humano, prejudicando sua qualidade de vida.

“A Deficiência Auditiva em qualquer grau, é uma das complicações mais sérias que qualquer doença pode trazer, já que acarreta graves complicações no comportamento social e emocional dos indivíduos por ela afetados, além de sérias alterações na linguagem, dificultando seu aprendizado ou sua utilização na vida diária.”

(Santos, 1997,p.16)

2.2 - Como se classifica a surdez quanto ao grau

Classificação quanto ao grau	Média encontrada	Sons da fala percebidos (sem amplificação)
Normal	0 a 25dB	Todos
Leve	26 a 40dB	Praticamente todos
Moderada	41 a 70dB	Quase todos os sons, com distorções, confundindo palavras parecidas
Severa	71 a 90dB	Quase nenhum som da fala, somente uma voz muito forte
Profunda	Acima de 90dB	Nenhum

Obs: dB (decibel) = medida de intensidade da pressão sonora.

2.3 - O que pode ser feito para prevenir a surdez?

Realizar campanha de vacinação e saneamento básico, a fim de erradicar as doenças infecto- contagiosas¹¹;

- . Fazer o acompanhamento pré-natal, evitando as infecções, as drogas, a desnutrição e o estresse;
- . Não limpar os ouvidos com grampos, palitos ou objetos pontiagudos;
- . No caso de sensação de "ouvido cheio" ou coceira ou dores, procurar um médico otorrinolaringologista;
- . cuidar da febre alta;
- . Não evitar o espirro, isto desequilibra o funcionamento da tuba auditiva, provocando uma desarticulação da cadeia ossicular;
- . Ruídos muito intensos, pois podem matar as células do ouvido interno (usar protetores);
- . Quando houver casos de surdez e/ou outras deficiências na família, buscar aconselhamento genético antes de engravidar;
- . Evitar automedicação e não pingar qualquer substância no ouvido sem consultar o médico;
- . Cuidar dos acidentes (o traumatismo craniano pode deixar seqüelas irreversíveis, inclusive a surdez).

2.4 - Educação dos Surdos

¹¹ - As informações a respeito destas definições foram do livro - A inclusão do educando surdo no ensino regular: Informativo do Professor. São José. 2001.

Os principais registros que temos sobre a História da Educação dos Surdos são no final do século XV, na época não havia escolas especializadas para surdos.

Pessoas ouvintes tentaram ensinar aos surdos:

- Giralamo Cardamo, um italiano que utilizava sinais e linguagem escrita;
- Pedro Ponce de Leon, um monge beneditino espanhol que utilizava, além de sinais, treinamento da voz e leitura dos lábios.

Nos séculos seguintes alguns professores dedicaram-se à educação dos surdos.

Entre eles, destacaram-se:

Ivan Pablo Bonet (Espanha)

Abbé Charles Michel de l'Epée (França)

Samuel Heinicke e Moritz Hill (Alemanha)

Alexandre Gran Bell (Canadá e EUA)

Ovide Decroly (Bélgica);

Esses professores divergiam quanto ao método mais indicado para ser adotado no ensino dos surdos. Uns acreditavam que o ensino deveria priorizar a língua falada (Método Oral Puro) e outros que utilizavam a língua de sinais - já conhecida pelos alunos - e o ensino da fala (Método Combinado).

Em 1880, no Congresso Mundial de Professores de Surdos (Milão - Itália), chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo Método Oral Puro. Um pouco antes (1857), o professor francês Ernest Huet (surdo que usava o Método Combinado) veio para o Brasil, a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos de nosso país: Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), mantido pelo governo federal, e que atende, em seu Colégio de Aplicação, crianças, jovens e adultos surdos, de ambos os sexos.

A partir de então, os surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação e tiveram a oportunidade de criar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mistura da Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos surdos das mais diversas localidades brasileiras, especificamente de Roraima por se trata de um estudo feito com os Surdos aqui do estado.

Apesar da educação do surdo ter iniciado no século XVI, até os dias de hoje questiona-se qual o método educativo mais eficiente. A maioria deles fundamenta-se em substituir a audição perdida por um outro canal sensorial íntegro, como a visão e o aproveitamento dos resíduos auditivos. As linhas mais discutidas na atualidade são: oralismo, comunicação total e bilingüismo.

2.5 - Educação dos Surdos em Roraima

O atendimento aos Surdos aqui no estado tem sua origem no ano de 1989, com o surgimento da Escola de Audiocomunicação. A Instituição tem aulas pela manhã de 1ª a 4ª série e à tarde o pré-escolar.

A escola usa o método da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, para educar seus alunos. Atualmente a escola tem 71 alunos que são distribuídos por turmas. E conta com 16 professores, 2 fonoaudiólogas e uma psicóloga.

Dentro da metodologia de ensino aplicada aos alunos, contam os projetos de Jardim, Hortas, Etiquetas, Comunicação Social, Artes, Comunidade Escolar, Reciclagem e Higiene e Saúde.

Para os pais dos alunos são realizadas oficinas com o uso da LIBRAS, para que os mesmos tenham conhecimento da língua dos seus filhos, e possam melhor se comunicar com eles.

Aqui no estado a educação dos Surdos trabalha com dois métodos de comunicação:

– O Método Oralista: Que não admite o uso de sinais, e é baseado na leitura labial. É aconselhável o uso dessa metodologia para surdos com surdez leve e moderada.

– O Método da Língua de Sinais: Que é baseada no uso de sinais, usando os movimentos das mãos e o corpo numa metodologia Visual, Gestual e -Espacial, ou seja os Surdos de Roraima usam a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, para se comunicar.

Segundo a Assessoria Pedagógica de Alunos Surdos Inclusos em Roraima, hoje 21 escolas do estado têm alunos surdos inseridos na rede regular de ensino, perfazendo um total de 60 alunos inclusos. Ou seja esses alunos freqüentam

escolas comuns, estando distribuído no turno matutino com 17 alunos, o vespertino com 32 e o noturno com 11, veja quadro abaixo.

SERIE	TOTAL DE ALUNOS
1ª	03
2ª	01
3ª	05
4ª	02
5ª	15
6ª	05
7ª	15
8ª	04
1º ano	05
2º ano	02
3º ano	03

Fonte – Coordenação de Educação Especial de Roraima

A Educação Especial também tem sob sua responsabilidade a direção do Centro Estadual de Avaliação Auditiva. Local onde são feitas todas as avaliações relacionadas à Surdez.

O centro realiza a Avaliação de Audiologia Infantil, através do uso de instrumentos e sons ambientais, faz também a Audiometria Infantil Condicionada (Peep-Show) e a Audiometria Tonal Liminar.

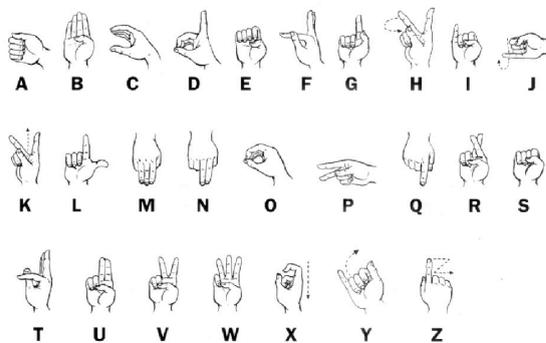
2.6 - Língua de Sinais

É uma língua gestual-visual, baseada no uso das mãos, do rosto, enfim, do corpo todo. É uma língua completa, com características morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Toda Língua de Sinais é bem desenvolvida e autônoma na sua estrutura. Com ela os surdos conseguem falar sobre qualquer assunto, seja política, futebol, religião, educação, direitos e deveres. No Brasil, os surdos utilizam a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como código lingüístico. Somente a

comunidade surda pode criar sinais, quando estes não existirem, para expressar um determinado conceito.

2.7 - Alfabeto Digital

É a substituição das letras escritas por movimentos feitos com as mãos. É uma espécie de escrita no ar. Pode ser feito com uma ou as duas mãos. Necessita de uma boa destreza motora. Não é espontâneo nem natural, devendo ser aprendido. É usado com maior frequência para indicar nomes de pessoas e lugares.



2.8 - Historia da Libras

Antes de abordarmos sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), definiremos o que é o Bilingüismo. Defini-se como a metodologia de ensino na qual a língua de sinais é considerada a 1ª língua da criança surda, e a língua oral escrita, a segunda língua (no caso do Brasil, o Português).

“A Língua de Sinais implica em aumentar na comunidade surda sua identidade que está se processando depois de muitos anos de submissão a uma forma de comunicação que ela não consegue dominar com eficiência e tem funcionado como uma barreira para a expressão dos surdos em todos os campos.”

(Stumpf, 1998, p.79)

Góes (1999, p.23) afirma que a corrente do Bilingüismo tem a língua de sinais como 1ª língua da criança surda e como 2ª língua está àquela utilizada pelo grupo social majoritário, no caso do Brasil, é a língua portuguesa.

“O 1º passo para a implementação de um modelo bilíngüe é a aceitação da língua de sinais como uma língua verdadeira e completa. Aceitando-se a língua de sinais, aceitamos a cultura da comunidade surda.”

(Koslowski, 200,p.78)

O Bilingüismo¹² surgiu quando em 1971 no Congresso Mundial de Surdos em Paris, a língua de sinais passou a ser valorizada após quase 100 anos de “império oralista”. Neste congresso também foram apresentadas pesquisas sobre Comunicação Total.

Em 1981, com os trabalhos de Bouvet em Paris e as pesquisas na Suécia, o enfoque bilíngüe é introduzido na educação do individuo surdo. No Brasil, de acordo com Goldfeld (1997, p.29), a educação das crianças surdas foi iniciada em 1855 pelo professor francês Hernest Huet.

Em 1857 é fundado o atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). No final da década de 70 chega ao Brasil a Comunicação Total, e o Bilingüismo começa na década seguinte. A partir de 1994 a abreviação LIBRAS passou a ser usada como referência a Língua Brasileira de Sinais.

Em 24 de abril de 2002 foi decretada a Lei nº 10.436, pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, reconhecendo como meio legal de comunicação e expressão.

Um dos projetos do Plano Nacional de Educação para a Educação Especial é implantar em cinco anos, e generalizar em dez anos o ensino da Língua Brasileira de Sinais, para os alunos surdos, para o pessoal da unidade escolar, e sempre que possível para os seus familiares, mediante um programa de formação de monitores.

Em Roraima foi aprovada em projeto de autoria do deputado Raul Prudente de Moraes, que reconhece a Língua de Sinais como forma de comunicação dos surdos.

¹² - O Bilingüismo é um termo que não se restringe só aos surdos

Sem duvida alguma, todas essas conquistas são o resultado de uma luta pelo espaço e respeito que os surdos merecem.

2.9 - Questões atuais sobre o ensino para Deficientes Auditivos no Brasil

Ao procedermos a um balanço do sistema educacional brasileiro nas últimas décadas, observamos que a descentralização via municipalização teve, de modo geral, um efeito desagregador sobre a rede de ensino. Repercutiu em expansão e qualidade, não representando uma efetiva democratização do ensino. Parte dela realizou-se, inclusive, através da transferência de serviços, sem a necessária contrapartida simultânea de recursos.

O panorama das escolas públicas apresenta contrastes: algumas escolas com níveis elevados de ensino e outras, da zona rural, com apenas um professor e instalações precárias. E é nas regiões mais pobres, onde se concentra a maioria dos alunos matriculados e de docentes não titulados, que o ensino é mais municipalizado. Isso demonstra que esse processo até hoje não representou a implementação de uma política que beneficiasse o Sistema Educacional Brasileiro.

Desse modo, a municipalização do ensino fundamental, com exceção do ocorrido nas capitais dos estados, tem resultado numa falsa solução dos problemas educacionais.

O grande desafio a ser vencido é o de construir um sistema em que os três níveis governamentais atuem de forma integrada no setor da educação, com vistas a uma escola pública destinada a todos os cidadãos.

2.10 - O aluno com deficiência auditiva

Um aspecto a ser comentado é a classificação da pessoa com necessidade especial, passível de crítica por levar o rótulo que tem a deficiência como uma desvantagem, um desvio da norma, ocasionando segregação e marginalização. Na perspectiva da inclusão, esse problema deixa de existir, pois todos estão sob o princípio da igualdade.

Mas é inegável que cada aluno tem a sua própria história composta pelo seu ambiente familiar, social, econômico, emocional, além das suas condições orgânicas. Especialmente na deficiência auditiva, a "história" do aluno precisa ser conhecida para ser mais bem aproveitada. Mais do que isso, é determinante quanto ao tipo de escola e recursos que podem proporcionar seu melhor aproveitamento.

Couto-Lenzi (1997) expõe muito claramente a condição do indivíduo com deficiência auditiva. Sua única limitação seria na percepção dos sons, que pode afetá-lo em diferentes graus. Mas o avanço científico e tecnológico é capaz de proporcionar dispositivos que favorecem sua capacidade de compreensão.

O grande obstáculo é o acesso a tais aparelhos e aos atendimentos especializados. Sob este aspecto, há o direito do indivíduo surdo de integrar-se e exercer sua cidadania e, há sua potencialidade de realização, que se constitui em promessa na exata medida da condição sócio-econômico-cultural da sua família.

Historicamente, segundo Soares (1999), a educação do surdo voltou-se mais ao desenvolvimento da comunicação do que à transmissão de conhecimentos, situando-se no âmbito da caridade e filantropia, desvinculada da educação como direito de liberdade e igualdade. Manteve assim o estereótipo da incapacidade de aprender por não ouvir.

No entanto, o sistema educacional com classes e escolas especiais favoreceu a segregação e o surgimento das comunidades surdas. Nos anos 70, a partir dos EUA, movimentos favoráveis à Língua de Sinais como uma língua mais completa, que permitia o desenvolvimento global dos surdos, culminaram na proposta bilíngüe que defende o acesso a Língua de Sinais, da comunidade surda, e a oral e escrita, do grupo majoritário.

No Brasil, a maioria dos Surdos que tem acesso à escola e atendimento especializado tem sido tratada por métodos que visam a comunicação oral. Se por um lado muitas crianças apresentam bons resultados com este método, outras, devido à perda auditiva profunda ou a dificuldades próprias, não conseguem o mesmo aproveitamento.

2.11 - Educação Inclusiva

Na atualidade a palavra inclusão vem sendo difundida em todos os níveis da Educação Especial. Porém, inclusão não deve ser vista apenas como uma palavra. É preciso agir verdadeiramente contra a exclusão social e educacional de Pessoas Portadoras de Deficiência.

“A inclusão escolar constitui uma proposta politicamente correta que representa valores simbólicos importantes condizentes com a igualdade de direitos e de oportunidade educacionais para todos, em um ambiente educacional favorável.”

(Santos,2001,p.29)

Para que está nova forma de educar aconteça, é preciso romper com velhos padrões e promover a escola para todos. A inclusão bem sucedida dos alunos com deficiência requer um sistema educacional diferente do atualmente disponível. Implicam a inserção de todos e requer sistemas educacionais planejados e organizados. (PCN/ Adaptações Curriculares, 1999,p.17).

A luta pela inclusão de alunos é um processo que já existe e, segundo Santos (2001,p.27), não existe fim. Essa luta deve ser contra a exclusão não só da escola, mas também da sociedade e comunidade.

Em 1880, no Congresso Mundial de Professores de Surdos (Milão - Itália), chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo Método Oral Puro. Um pouco antes (1857), o professor francês Ernest Huet (surdo e partidário de l'Épée, que usava o Método Combinado) veio para o Brasil, a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos de nosso país: Imperial Instituto de Surdos Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), mantido pelo Governo Federal, e que atende, em seu Colégio de Aplicação, crianças, jovens e adultos surdos, de ambos os sexos.

A partir de então, os surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação e tiveram a oportunidade de criar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mistura da Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos surdos das mais diversas localidades.

No Século XX aumentou o número de escolas para surdos em todo o mundo, no Brasil, surgiram o Instituto Santa Terezinha para meninas surdas (SP), a Escola Concórdia (Porto Alegre - RS), a Escola de Surdos de Vitória, o Centro de Audição e Linguagem "Ludovico Pavoni" - CEAL/LP - em Brasília-DF e várias outras que, assim como INES e a maioria das escolas de surdos do mundo, passaram a adotar o Método Oral;

A garantia do direito de todos à educação e propagação das idéias de normalização e de integração das pessoas com necessidades especiais, e o aprimoramento das próteses otofônicas, fizeram com que as crianças surdas de diversos países passassem a ser encaminhadas para as escolas regulares.

No Brasil, as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação passaram a coordenar o ensino das crianças com necessidades especiais (inicialmente denominadas portadoras de deficiências) e surgiram as Salas de Recursos e Classes Especiais para surdos, além de algumas Escolas Especiais, com recursos públicos ou privados.

Com a organização das minorias no âmbito mundial, por terem garantido seus direitos de cidadãos, as pessoas portadoras de necessidades especiais passaram a apresentar suas reivindicações que, no caso dos surdos, são: o respeito à língua de sinais, a um ensino de qualidade, acesso aos meios de comunicação (legendas e uso do TDD) e serviços de intérpretes, entre outras.

Os estudos sobre surdez, linguagem e educação, já no final de nosso século, os surdos assumiram a direção da única Universidade para Surdos do Mundo (Gallaudet University Library - Washington - EUA) e passaram a divulgar a Filosofia da Comunicação Total. Mais recentemente, os avanços nas pesquisas sobre as línguas de sinais, preconiza o acesso da criança, o mais precocemente possível, a duas línguas: à língua de sinais e à língua oral de seu País - Filosofia de Educação Bilíngüe.

CAPITULO III - O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO TRABALHO

O presente capítulo consistirá na abordagem dos três elementos essenciais do Site LIBRASITE (imagem, texto e texto-imagem) como constituídos por um

imbricamento, não um isolamento, das três dimensões básicas do signo (ícone, índice e símbolo). A abordagem proposta foi desenvolvida em duas partes:

A primeira, concisa e breve, utiliza a teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, com as noções sógnicas de ícone, índice e símbolo, tomadas tradicional e respectivamente como: semelhança, contigüidade ou causalidade e convenção instituída.

A Segunda compreende o postulado de que as três dimensões do signo se justapõem na construção do Site LIBRASITE quando utilizamos os programas: Corel Draw 10, Corel Photo Paint 10, Corel Trace 10, Macromedia Flash MX, Dreamweaver MX, Fireworks MX, Microsoft Word e a Técnica de Desenho a Mão Livre. Desse modo, se a imagem é ícone de uma realidade a ser consumida, é índice dessa realidade apontada (forjada como tal), e simboliza esse padrão imposto, fabricado. Se o texto é índice de uma mensagem a ser seguida, também suscita imagens (de comportamento, vestuário, vocabulário, ...) e simboliza um modelo social (de certa classe, etnia, crença, ...). E, enfim, se o texto-imagem é símbolo de uma palavra de ordem para um padrão de vida, ele instaura e reforça, além disso, de modo direto e impactante, as imagens suscitadas e o modelo social que o Site LIBRASITE indica.

3.1 - Breve panorama do signo peirceano

O signo – que nesse universo vai do desenho infantil até o mais rigoroso tratado de lógica, incluindo o homem que os produz como um signo também – é concebido como uma tríade formada pelo *representamen* – aquilo que funciona como signo para quem o percebe –, pelo *objeto* – aquilo que é referido pelo signo – e pelo *interpretante* – o efeito do signo naquele (ou naquilo, podendo-se aí incluir os seres ou dispositivos comunicativos inumanos como os computadores) que o interpreta. Vale lembrar com MERRELL (1998:49) que não devemos pressupor que o signo e seu objeto "são sempre entidades concretas - espaço-temporais - ou até objetos físicos. Peirce sempre cuidava para evitar esse erro". Em muitos casos podemos experimentar a concretude de signos, objetos e *representamina* embora em outros eles careçam de qualquer materialidade. Exemplo disso pode ser o signo

"Surdo", escrito nessa página. Embora ele esteja materialmente representado aqui, dele derivará na mente do leitor (com certeza quase absoluta) um signo mental de "condição" cujas partes e objeto referido carecem de concretude. Ainda assim, é inegável que no exemplo dado algo representou alguma coisa para alguém, o que atende plenamente à definição de signo. Passemos então a uma melhor definição das partes que o compõem:

O *representamen* é o sustentáculo de um signo ou aquilo que funciona como signo, remetendo a algo para um interpretante. É através dele que o signo se remete por alguma causa (seja a semelhança, indicação ou convenção) a um objeto.

Este objeto exterior ao signo, chamado de *objeto dinâmico*, é "espelhado" no interior do signo, "imagem" esta que se denomina *objeto imediato*.

Se encontramos duas facetas para o objeto (o objeto dinâmico e o imediato), para o interpretante (que muita gente confunde com um indivíduo, quando na verdade trata-se mais do resultado interpretativo em si mesmo) vamos encontrar três. A capacidade de um signo produzir algo numa mente qualquer, isto é, seu total potencial sígnico, é o *interpretante imediato*. Para que se dê um processo de semiose é necessário que esse potencial se realize, sempre parcial e singularmente, na mente de alguém ou de um dispositivo interpretativo, ou seja que se realize um *interpretante dinâmico*. Quando esse interpretante dinâmico atinge a terceiridade, isto é, quando engendra uma interpretação simbólica, caracteriza-se um novo signo "de caráter lógico [...] que Peirce chama de *interpretante em si*" (SANTAELLA, 1983:82).

O **ícone**, de forma semelhante ao quali-signo, representa apenas uma parte da semiose na qual o *representamen* evidencia um ou mais aspectos qualitativos do objeto. Os retratos ilustram bem essa categoria. A iconicidade de um signo funda-se no que Nöth chama de "homologias estruturais", isto é, na semelhança entre *representamen* e objeto.

Se há uma relação direta entre estas duas partes do signo sem no entanto tratar-se de similaridade, falamos já da categoria dos **índices**. Uma nuvem escura pode significar chuva, embora sejam muito diferentes uma da outra. As relações orgânicas de causalidade são típicas dessa categoria, onde o *representamen* indica

(para) o objeto. Outra característica dos índices é sua singularidade, o que na linguagem seria exemplificado pelos nomes próprios.

O nome de um objeto qualquer – "cadeira" por exemplo – refere-se não só a uma cadeira em particular ("esta cadeira", por exemplo, seria um índice) mas a uma idéia geral de "objeto composto de um assento sustentado a uma determinada distância do solo através de um ou mais pés e um encosto fixado angularmente em relação ao assento". Por este motivo, transcende a secundidade indiciática em direção à categoria simbólica. Os **símbolos** são arbitrários, no sentido de que são socialmente convencionados e mutáveis (*cadeira* no Brasil, *chair* na Inglaterra e *chaise* na França), mas não absolutamente acidentais ou arbitrárias – haja vista as homologias já descobertas entre as mais diversas línguas do planeta e a impossibilidade de alteração individual desses signos.

É justamente no interior da teoria da comunicação que a semiótica configura um estatuto próprio, conforme a disciplina que compõe um quadro teórico transdisciplinar. Aqui, precisamente na Publicidade, a classificação peirceana do signo é apropriada de maneira singular.

Grosso modo, é um certo consenso que no Site LIBRASITE a imagem seja ícone de uma realidade, o texto índice de uma mensagem e o texto-imagem símbolo de uma palavra de ordem, visando um padrão de vida. Ainda que na maioria das vezes esses modos de apresentação dos signos se justaponham, como se verá em breve.

3.2 - As três dimensões do signo se justapõem no Site

No caso da construção do Site LIBRASITE, levamos em conta que toda mensagem tem importância central na análise do processo e dos meios de comunicação de massa, uma vez que a circunda um certo complexo social e tecnológico para emissão e recepção da comunicação, da qual a mensagem é a unidade de base.

A pesquisa realizada, parte para a construção do projeto, cujo objetivo é a construção de um SITE que aborda sobre o uso da Língua Brasileira de Sinais em

Roraima, levando em consideração os seus aspectos regionais. Mostraremos o trabalho com o auxílio e recursos das Novas Tecnologias da Informação.

Iniciamos a pesquisa usando a metodologia de encontros, no primeiro momento, eu me reuni com as professoras Sandra e Hecilda, para buscar informações de como poderíamos desenvolver o trabalho. Elas duas ensinam os surdos a melhor se comunicarem e também as alfabetizam através da língua de sinais.

Decidimos que trabalharíamos com 6 surdos, as duas professoras já se encarregaram de passar as informações para os participantes do projeto, explicando de como iríamos trabalhar e do que se tratava.

O primeiro encontro foi na Secretaria de Educação do Estado, dentro da Divisão de Educação Especial, numa sala que é equipada com todos os recursos para a educação de surdos.

Nós discutimos o tema abordado, e falamos sobre o que poderíamos desenvolver e melhorar, através de um meio a comunicação dos Surdos entre Oralizados, e a forma de como vamos aplicar o trabalho.

Ao término do 1º encontro já marcamos outro, com um grupo de surdos. O encontro ficou marcado para ser na Praça das Águas no dia 04 de outubro de 2003. Combinamos que às 19 horas estaríamos na praça das águas em frete a Eletronorte.

Onde eu levaria os equipamentos: (Filmadora e Máquina Fotográfica), para fazer o registro e já começar ao trabalho a que nos propomos. E já comecei a desenvolver o trabalho com filmagem e fotografia.

Nesse 2º encontro não foram todos os surdos, só dois, que inclusive participaram das atividades que tínhamos combinado. No decorrer do encontro convencei com as professoras e os próprios surdos, e decidimos que vamos desenvolver um trabalho para mostrar as particularidades da linguagem aqui em Roraima, e o regionalismo do Estado.

Onde mostraremos os pontos turísticos, os poderes públicos, os municípios e tudo que esteja relacionado com o Estado de Roraima, voltando-se para as características regionais.

No terceiro encontro já iniciamos o trabalho com cinco colaboradores surdos. Passei para eles uma lista com quase 200 nomes, para os mesmo começarem a da significado através do uso da LIBRAS. Porque os Surdos tem

autonomia para atribuir um determinado significado em Libras, para aquilo que ainda não existe em sua Língua.

Eles realizaram várias reuniões, onde discutiram e decidiram de como seria em LIBRAS o significado dos nomes propostos a eles. O trabalho foi dividido por categorias, cada um deles ficou responsável para apresentar a sua parte, definida entre eles.

Concluído os significados dos nomes por eles, partimos para as filmagens. As imagens foram feitas na Coordenação de Educação Especial, numa sala de aula equipada com alguns recursos para educação de surdos.

1º etapa de construção do Projeto

As filmagens foram feitas em três fitas VHS com uma Filmadora da marca Panasonic. O trabalho de filmar foi também dividido em etapas, isso de acordo com as possibilidades e tempo dos participantes no projeto.

Concluída as filmagens, as fitas foram levadas para fazer à edição das mesmas onde foi feito um trabalho de compactação. Por estarem em (VHS) e não poderem ser usada nessa linguagem de TV, tivemos que transformá-las para (MPG), tipo de extensão usada para vídeo na INTERNET, as imagens sofrem um processo de alteração e compactação na sua apresentação. Os vídeos depois de transformados em (MPG), diminuí o seu tamanho e perde um pouco de qualidade na hora de sua exibição.

Terminado o trabalho de compactação, gravamos todas as imagens de vídeo em um CD com seus respectivos nomes, e cada vt separado por quadros.

2ª Etapa

Na segunda etapa foram feitas as fotografias dos nomes e locais propostos para construção da idéia. Levando em consideração o uso da Língua Brasileira de Sinais. As fotos foram tiradas numa máquina digital da marca SONY do

tipo Maviga. Que tem capacidade de armazenagem em uso por disquete de até 35 imagens em cada unidade.

As fotos foram tiradas com uma resolução de até 75 DPI, por se trata de imagens para INTERNET. As fotografias completam o conjunto de recursos que compõem o trabalho. Distribuídas em vários arquivos fotográficos.

As fotografias e desenhos estão expostos juntamente com os seus respectivos vídeos nas paginas do Site, intituladas “Roraima em Libras” e “Alfabeto Digital”. Onde as mesmas servem de auxilio para o conhecimento do referido nome ou local.

Nessa etapa também foram feitos os desenhos do Alfabeto Digital, os trabalhos foram executados com uso da técnica de mão livre, a partir de fotografias e outros desenhos. Sendo utilizado como suporte, lápis, grafite e pincel atômico preto para reforço do traço. Posteriormente essas imagens desenhadas seriam capturadas pelo computador através do scanner, para serem transformadas em imagens digitais.

As digitalizações das imagens foram feitas em um scanner de mesa, com auxilio do Corel Photo Paint – Software de editoração de imagens, programa que trabalha com melhoramento de fotos, imagens, gráficos e cores.

Depois das imagens digitalizadas passamos a usar o Corel Trace, programa gráfico que transforma imagens sólidas em imagens vetoriais, para redesenhar todas as imagens traçadas pelo uso da técnica de mão livre dos desenhos propostos no trabalho.

Usamos também o Corel Gráfico para fazer a criação da logomarca do Librasite e trabalhar com as imagens do Alfabeto Digital na construção do projeto proposto.

3ª Etapa

Nesta etapa passamos a elaborar (ou construir) O CD’Rom em formato de um Site para WEB. Utilizamos um programa específico para construção de mídia eletrônica, no nosso caso aqui para desenvolvemos o projeto utilizamos o Software

“Macromedia Flash MX”. Programa que desenvolve aplicativos e conteúdo para a Internet com riqueza de recursos. O Macromedia Flash MX fornece tudo que é necessário para criar material para a Web.

O Site é composto de 8 paginas subdividido da seguinte maneira: uma pagina sobre **“Educação Especial”**, onde abordamos todos os tipos de necessidades educativas especiais, e a realidade da Educação especial em Roraima, uma pagina que traz informações sobre a **“Historia dos Surdos”** abordando suas dificuldades e conquistas na luta pela sua inclusão na sociedade. Uma pagina que traz informações sobre o **“Alfabeto Digital”**, de como ele é usado e em que pode ser utilizado na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. A pagina **“Roraima em Libras”** Os colaboradores surdos usam a LIBRAS, para mostrar como é o significado de determinado Signo em Libras, levando em consideração o uso da língua e seus aspectos regionais. Tem uma pagina que fala sobre **“Historia da Libras”** nesta pagina e feito um relato sobre o uso da Libras, seu aspectos, suas limitações e demais informações a respeito desta Língua. Uma pagina dedicada ao autores do trabalho intitulada **“Quem Somos”** onde traz informações dos construtores do projeto. Uma outra sobre **“Semiótica”**, relatando sobre o uso dessa teoria no trabalho e uma outra pagina dedicada a um **“Curso de Libras”** à distância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo conhecimento educacional e melhoria na qualidade de vida dos Portadores de Necessidades Educativas Especiais, tem passado por muitas transformações no seu processo de construção.

E no meio desse processo de conquista, de espaço, encontram-se os Surdos, pessoas especiais inseridas na mesma sociedade, mas que muitas das vezes parece que não estão presentes e ficam as margens do esquecimento em função de sua diferença de língua.

É por essa diferença que resolvemos mostrar que através do uso das novas tecnologias da informação, que é possível desenvolver novas metodologias de ensino para educação dos Surdos com o auxílio do computador.

A nossa proposta mostra que os recursos multimídias podem ser mais bem explorados, dentro do sistema de ensino. Isso principalmente na Educação Especial.

Mas deve-se ressaltar que levamos em consideração que o computador é uma ferramenta primordial para a evolução da Educação de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais.

E foi com esse propósito que elaboramos o LIBRASITE, trabalho que mostra uma equipe de colaboradores Surdos de Roraima, usando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para mostrar o seu uso local, suas diferenças culturais e regionais.

Conclui-se que a Educação de Pessoas Especiais, no caso aqui o Surdo, pode ser segmentada e melhor aplicada de acordo com o público em estudo. Trabalha-se com diferentes metodologias de ensino para educar através do computador.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, K 7 IORIO, M.C.M Próteses Auditivas: Fundamentos teóricos e aplicações clínicas. São Paulo: Lovise, 1996, 217p.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Deficiência Auditiva. Brasília: SEESP, 1997. Volume I, 337p.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Introdução. MEC, 1998, 1p.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial SEESP, 1994. Livro 1, 66f.

BRASIL, Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. O Acesso de Pessoas com Deficiência às classes e escolas comuns da rede regular de ensino, 2003. Livro 1 35f.

CARDOSO, R. S. A Educação Especial na perspectiva da Inclusão. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2002.

LACERDA, C.B.F. et al. Fonoaudiologia: Surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus, 200, 128p.

RABELO, Annete Scotti. Português Sinalizado: Comunicação Total Goiânia: Ed. UCG, 1992, volume 1.

_____. Annete Scotti. Português Sinalizado: Comunicação Total Goiânia: Ed. UCG, 1992, volume 2.

SANTA CATARINA, Secretaria do Estado da Educação e do Desporto. A inclusão Do educando surdo no ensino regular: Informativo do Professor. São José, 2001. 28p.

ANEXOS

ANEXO 01
Alfabeto Digital

ANEXO 02
Relatórios de Avaliações Audiológicas

ANEXO 03

Fotos da Sala de equipamentos do Centro Estadual de Avaliação Auditiva

ANEXO 04
Fotos dos Colaboradores Surdos

ANEXO 05

Lei que Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

ANEXO 06
Projeto Estadual

Contribuíram

